



O DESAFIO DE ALFABETIZAR NO INÍCIO DA CARREIRA DOCENTE: a gestão da sala de aula em discussão

Kamila Petrikicz¹

Patrícia Camini²

Eixo temático 7: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: o trabalho apresenta os resultados parciais de pesquisa em andamento, cujo objetivo é identificar e analisar os desafios e as estratégias encontradas para alfabetizar no início da carreira docente por 5 egressas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017-2022), que atuam na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Para essa finalidade, utilizam-se lentes teóricas de estudos como os realizados por Michael Huberman, Maurice Tardif e Claude Lessard e Carol Simon Weinstein e Ingrid Novodvorsky. O estudo é desenvolvido em duas etapas: na primeira, os dados foram gerados por meio de um questionário online. Na segunda etapa, será realizado um grupo focal. No recorte deste trabalho, são analisados os dados parciais da primeira etapa. Esses dados parciais indicaram que a gestão da sala de aula é um fator-chave que desafia as docentes no início da carreira.

Palavras-chave: Formação docente; Início da carreira docente; Gestão da sala de aula; Alfabetização.

1 Introdução

O artigo apresenta resultados parciais de pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)³, cujo foco tematiza os desafios encontrados por egressas do curso de Licenciatura em Pedagogia da instituição na prática da alfabetização nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. O estudo vem sendo desenvolvido a partir do seguinte problema de pesquisa: quais os principais desafios que as egressas da Licenciatura em Pedagogia da UFRGS enfrentam na prática alfabetizadora? A investigação parte dos seguintes objetivos: 1) identificar quais são os principais desafios da prática docente na alfabetização que as egressas enfrentam no

¹ Licencianda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: petrikiczk@gmail.com

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Contato: patricia.camini@ufrgs.br

³ A pesquisa é desenvolvida como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

início da carreira; e 2) analisar as estratégias pedagógicas realizadas pelas egressas frente aos desafios encontrados. Neste trabalho, apresentamos os dados preliminares da pesquisa, com foco no primeiro objetivo.

Como metodologia, a primeira etapa da pesquisa utilizou um questionário online com perguntas abertas para respostas escritas pelas professoras. As respostas foram organizadas em uma planilha e analisadas conforme as recorrências encontradas nas respostas. Na segunda etapa da pesquisa, ainda em construção, serão realizados encontros de grupo focal para aprofundar a análise dos achados que apareceram na primeira etapa. Na sequência, o trabalho apresentará mais informações sobre a metodologia utilizada.

A intenção ampla deste trabalho está referenciada principalmente nos estudos de Michael Huberman (1992), uma vez que o autor aborda o ciclo de vida profissional dos professores, contribuindo para compreender o início da carreira docente como um momento de sobrevivência e de descobertas. Na seção seguinte, além de Huberman, outros referenciais teóricos, como estudos de Tardif e Lessard (2014) e Carol Simon Weinstein e Ingrid Novodvorsky também dão corpo à fundamentação teórica do trabalho.

2 Fundamentação teórica: o início da carreira docente

O desenvolvimento da carreira docente é um processo que, para Huberman (1992), é constituído por um ciclo profissional em que professores podem experimentar as seguintes fases, não necessariamente nesta ordem: 1) entrada na carreira docente; 2) estabilização; 3) diversificação; 4) pôr-se em questão; 5) serenidade e distanciamento afetivo; 6) conservantismo e lamentações; e 7) desinvestimento. Trata-se de um processo e não de uma série; portanto, professores podem estabilizar-se em determinadas fases, combinar elementos de diferentes fases ou nem experimentar algumas delas.

Para o foco deste trabalho, interessa a fase de início da trajetória dos professores, caracterizada por Huberman (1992, p. 39) como um momento de sobrevivência, pois é quando o docente inicia o trabalho profissional transpondo os seus saberes e percebe

[...] a distância entre os ideais e as realidades cotidianas das salas de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc.

Coerente com essa visão, o início da carreira docente é permeado por muitos desafios profissionais; essas situações são encaradas na rotina de trabalho pelo professor e são articuladas com superações ou desistências: “[...] é uma etapa de tensões e aprendizagens

intensivas em contextos geralmente desconhecidos” (GARCIA, 1999, p.105). Alguns dos desafios profissionais que cercam esse momento destacam-se pela insegurança no início do processo de aprender a ensinar e a instabilidade na competência da gestão do grupo de alunos. Observa-se, portanto, que não há caminhos marcados por certezas para iniciar a carreira docente. Eles estão imbuídos de desafios que somente a experiência e o tempo irão aprimorar os fatores que implicam dificuldades na trajetória inicial.

Ao mesmo tempo em que experimenta a necessidade de esquematização e alinhamento de um conjunto de saberes-fazer para iniciar o trabalho docente, muitas professoras iniciantes costumam experimentar esse período com sensação de descoberta e entusiasmo pelas novas responsabilidades, como ter a sua própria sala de aula.

No que se refere ao início da carreira da professora alfabetizadora, não há uma “[...] fórmula mágica de alfabetizar, e os saberes que constituem uma ação docente eficiente são um amálgama construído na trajetória singular de cada professor, envolvendo saberes de distintas ordens” (MORAIS, 2015, p. 64). Para a professora alfabetizadora iniciante, os saberes sobre alfabetização vão se constituindo nessa trajetória prática, simultaneamente aos saberes sobre a organização do espaço para transformá-lo em ambiente (FORNEIRO, 1998), do tempo, as ações frente à disciplina dos alunos e o manejo das aprendizagens das crianças.

O exercício simultâneo da gestão dos processos de ensino e aprendizagem requer o desenvolvimento de habilidades específicas coordenadas para desempenhar a função de agir com um grupo de crianças dentro de um ambiente “[...] complexo e, por isso, impossível de controlar inteiramente, pois, simultaneamente, são várias as coisas que se produzem em diferentes níveis de realidade: físico, biológico, psicológico, simbólico, individual, social” (TARDIF, 2014). Para o autor (id.; ibid.), é impossível ter o controle total da sala de aula, pois esta é um organismo vivo em que muitas ações acontecem ao mesmo tempo, individual e coletivamente.

Pelo exposto, destaca-se que a aprendizagem da gestão da sala de aula, como organismo vivo de interações humanas, constitui um desafio para docentes iniciantes. A gestão da sala de aula tem como princípio produzir um ambiente organizado e promover um lugar em que os alunos se sintam motivados através de um aprendizado significativo, como definem Weinstein e Novodvorsky (2015), estimulando, ainda, o crescimento emocional e social dos estudantes.

As autoras (id.; ibid., p. 5-7) defendem cinco princípios como norteadores de uma gestão eficiente da sala de aula: 1) “[...] o manejo bem-sucedido da sala de aula promove autodisciplina e responsabilidade pessoal”; 2) “[...] a maioria dos problemas de indisciplina em sala de aula pode ser evitada se os professores estimularem relações aluno-professor positivas, implementarem aulas atraentes e usarem boas estratégias de controle preventivo”;

3) "[...] a necessidade de disciplina não deve superar a necessidade de aprendizado significativo"; 4) "[...] gestão das salas de aula diversas dos dias atuais requer conhecimento, habilidades e predisposições para trabalhar com estudantes de diversos contextos raciais, étnicos, linguísticos e de classes sociais"; e 5) "[...] tornar-se um eficiente gestor de sala de aula exige reflexão, trabalho duro e tempo".

Além da construção coletiva de um ambiente propício ao convívio social e cultural, a sala de aula precisa convidar ativamente à interrogação e descoberta das possibilidades das práticas de leitura e de escrita, principalmente quando se trata dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, além de gerir as diversas questões que incidem sobre o funcionamento das rotinas de um grupo de crianças em sala de aula, a professora precisa gerir a progressão dos conhecimentos na apropriação da alfabetização nas trajetórias diversas de ritmos e necessidades de aprendizagem.

Esses fatores vão sempre estar na vida das docentes em muitos momentos da profissão, seja em turmas menos desafiadoras ou em ambientes complexos, "[...] esses dilemas não conseguem ser totalmente superados pela experiência nem pela formação. No entanto, a consciência de que eles ocorrem ajuda a conviver com a complexidade" (PERRENOUD, 2001, p. 208).

3 Metodologia

A metodologia é orientada pelo viés qualitativo por caracterizar aspectos subjetivos que abrangem a compreensão e análise dos desafios que as professoras alfabetizadoras enfrentam no início da sua prática docente. Na primeira etapa da pesquisa, foi produzido e aplicado um questionário no *Google Forms* com dezessete perguntas para a triagem das informações das professoras sobre o início da prática docente e os desafios encontrados para alfabetizar ao ingressarem na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre⁴. O questionário foi encaminhado às professoras a partir do contato via e-mail com o convite para a participação na pesquisa, incluindo o Termo de consentimento livre e esclarecido para ser preenchido, em caso de concordância.

As respostas das alfabetizadoras foram categorizadas através do *Microsoft Excel* e organizadas, preliminarmente, pela identificação de critérios apontando recorrências nas respostas dos formulários. Dessa forma, foram selecionados tópicos de recorrência para análise na segunda etapa da pesquisa, a ser realizada por meio de grupos focais.

⁴ O interesse específico nessa rede de ensino justifica-se pelas características da população atendida nas escolas dessa rede, devido a estarem situadas nas zonas mais vulneráveis socialmente da capital gaúcha.

A busca por professoras alfabetizadoras no início da carreira docente desenvolveu-se a partir da elaboração de critérios que respondessem aos objetivos da pesquisa. O primeiro critério de seleção foi definir a data de corte como até cinco anos de conclusão do curso de Pedagogia da UFRGS, ou seja, as egressas deveriam ter se formado entre 2017 e 2022. O segundo critério foi atuar no 1º ou 2º ano do Ensino Fundamental. Por fim, o terceiro critério foi lecionar na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre há pelo menos um ano. As participantes da pesquisa são cinco professoras que atendem aos critérios definidos para este estudo⁵.

Na seção seguinte, apresenta-se um panorama dos dados preliminares do estudo e a discussão que vem sendo construída a partir desses achados.

4 Resultados e discussão: a gestão da sala de aula como um desafio para alfabetizar

Os resultados preliminares do estudo apontaram que os principais desafios que as docentes egressas participantes encontram para alfabetizar estão relacionados com fatores da gestão da sala de aula. Os marcadores que aparecem como dificuldades para implementar uma gestão eficiente da sala de aula são indisciplina, continuidade nas aprendizagens, turmas com muitos estudantes, infraestrutura precária e falta de recursos didáticos. Os excertos a seguir ilustram como 3 das 5 professoras responderam à questão sobre o qual seria o seu principal desafio para alfabetizar no início da sua carreira docente:

Lidar com a postura inadequada das crianças em sala de aula, agressão e desrespeito entre os pares. (Professora n. 1)

Gestão do grande grupo sozinha. (Professora n. 2)

A gestão do grupo. Porque sinto falta de repertório docente para isso. [...] É sempre uma negação da necessidade da disciplina e que isso deveria ser banido. Mas uma sala de aula sem regras e desorganizada não é um ambiente tranquilo para aprender. Não é que eles não falem ou andem pela sala, mas como guiar essas falas e o andar pela sala. Às vezes me pergunto o que me diferencia de um leigo para um profissional em sala. Porque várias atitudes que tenho são uma reprodução do que vivi na escola. Teria que ter um espaço para discutir toda a disciplinarização do corpo, mas também práticas potentes para tornar isso não tão violento, não sei. Falar da disciplina positiva ou da comunicação não violenta. [...] (Professora n. 3)

⁵ O número de participantes é pequeno, tendo em vista que a rede de ensino selecionada chamou poucos professores por concurso nos últimos anos.

As outras 2 professoras indicaram como principal desafio implementar projetos e sequências didáticas e desenvolver propostas que auxiliem as crianças a avançarem na alfabetização. Embora essas 2 professoras tenham especificamente tratado mais diretamente da aprendizagem, nas respostas a outras questões do formulário elas também remetem às dificuldades na gestão do grupo para que as propostas funcionem. Nesse sentido, podemos inferir que a principal preocupação desse grupo de professoras, nos primeiros anos de experiência, têm sido dar conta de organizar pragmaticamente suas ações em um sistema ordenado que possibilite o avanço nas aprendizagens da leitura e da escrita. Ainda lidando com a necessidade de equilibrar a ordem funcional da sala de aula, as professoras parecem ser mais demandadas nesse aspecto, indicando sinais de frustração por não conseguirem deslocar o foco prioritário para a gestão das aprendizagens. Esse resultado é coerente com achados também encontrados na pesquisa de Nono (2011).

O contexto e o ambiente da sala de aula, implicam pensar em como os conhecimentos serão ensinados, a partir da organização da estrutura da sala de aula, das relações entre os alunos e com o professor. Na perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento Wallon (1989) e Vygotsky (1984) abordam a relação necessária entre afetividade, linguagem e cognição e transpondo esses elementos para sala de aula faz pensarmos na articulação entre aprendizagem, espaço e ambiente, em que o local facilite os modos de relacionar-se entre pares, o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita a partir da mediação docente e o modo como essas relações se estabelecem a partir da comunicação afetiva entre estudantes e professor.

Por fim, para refletir a dinâmica da gestão da sala de aula, articular os aspectos objetivos e subjetivos do ambiente pode promover a melhoria desses fatores que dificultam o ensino e a aprendizagem na alfabetização. Para isso, ter consciência dessas dificuldades e atribuir estratégias dentro do planejamento para minimizar esses problemas é a alternativa para conseguir equilibrar os desafios próprios do ensino a leitura e a escrita de crianças.

5 Considerações finais: os resultados preliminares e a continuidade da pesquisa

Este trabalho procurou demonstrar os resultados parciais da primeira etapa de pesquisa em andamento. Identificou-se, a partir da análise dos questionários *online* respondidos por 5 professoras egressas do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, que a gestão da sala de aula é um fator-chave que desafia as professoras alfabetizadoras iniciantes no ensino da leitura e da escrita. Com isso, a importância da continuidade nas pesquisas sobre o início da carreira docente, em especial sobre a docência em alfabetização,

é necessária, pois compreende-se que os desafios para alfabetizar vão além das dificuldades da gestão da sala de aula, fator que aparece nos dados empíricos da pesquisa até o momento. Espera-se que, na segunda etapa da pesquisa, o grupo focal esclareça que estratégias as professoras têm colocado em prática para construir as condições que consideram necessárias para alfabetizar, levando em consideração as necessidades das crianças e das comunidades em que atuam.

Referências

HUBERMAN, M. O ciclo de vida dos professores. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p.39.

FORNEIRO, L. I. A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. (Org.). **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 229-281.

MORAIS, A. G. de. Por que defendemos um ensino sistemático da escrita alfabética?. In: BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **A oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização**. Caderno 05. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional – Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 59-67.

NONO, M. A. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

GARCIA, C. M. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Saberes e competências em uma profissão complexa. Artmed: Porto Alegre, 2001.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Trad. de João Batista Kreuch. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins fontes, 1984.

WALLON, H. **As origens do pensamento das crianças**. São Paulo: Manole, 1989.

WEINSTEIN, C. S.; NOVODVORSKY, I. **Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes**. Porto Alegre: Penso, 2015.